
O TRATAMENTO DADO À PRODUÇÃO DE TEXTOS POR LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DESTINADOS A ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Lara Nascimento Scherrer¹

Resumo: O presente trabalho, buscou analisar as propostas de produção de textos escritos disponíveis em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio. Para a realização da análise foi realizada uma pesquisa teórica, embasada em Antunes (2003), Geraldi (1996), Guedes (2014), Ruiz (2010), Serafini (1995), Castaldo (2009), com o objetivo de caracterizar o processo de produção de textos em sala de aula. Com o trabalho foi possível constatar que a produção de textos nas escolas tem sido um objeto de muita reflexão, destacando que ainda existe uma falta de respeito aos procedimentos de revisão/reescrita.

Palavras-chave: Produção de texto; Livros Didáticos; Etapas de Produção; Revisão; Correção

Introdução

Com a necessidade de se compreender o contexto de ensino da prática de produção de texto no ambiente escolar, no ensino médio, o presente estudo visa a analisar as propostas presentes nos livros didáticos de língua portuguesa. Para tal, buscou-se analisar a diversidade de gêneros textuais presentes nas obras, nos caracterizadores da situação de produção e nas etapas da produção propostas pelos autores dos materiais didáticos analisados.

Nesse sentido, considera-se que embora a atividade de produção de texto tenha sofrido avanços em função da inserção de abordagens discursivas no ensino de línguas, ainda é possível constatar práticas de cunho tradicional, em que se desconsideram os autores como sujeitos e a escrita como processo.

Pode-se observar que existe uma preocupação em relação às questões de gêneros textuais, mas além desse fator também existe a falta de estudos mais aprofundados no campo da revisão/ reescrita e avaliação/correção. Nesse sentido, é preciso analisar e explorar tal questão, buscando subsídios nas pesquisas teóricas para um encaminhamento de atividades de produção de textos pautadas em uma perspectiva interacionista da linguagem.

¹ Graduanda em Letras, Universidade Federal de Lavras, laranascherrer@gmail.com



1. Pressupostos teóricos

O ensino de produção de texto é respaldado em diversos aspectos, como o cultural, social, histórico e entre outros, permitindo a construção do eu, que é necessário para que o discente consiga avançar na tarefa de exteriorizar com clareza suas ideias, não apenas reproduzindo o que lhe é imposto em sala de aula. Mas para que todo esse desenvolvimento ocorra é necessário que haja um planejamento. Esse planejamento pode ser compreendido a partir da leitura de Geraldi (1996).

Segundo o autor referenciado (1996), existe uma “tecnologia da leitura e da redação de textos”, constituído por um subconjunto de uma tecnologia ampla que fundamenta os mecanismos de produção do eu, buscando estar dentro das regras de condutas que sejam aceitas pelos demais. Essas regras de condutas abrangem também as das formas de verbalização e exposição de si mesmo: carta, gêneros de confissão e entre outros gêneros.

No primeiro momento, uma dessas tecnologias consiste no ato de ler e escrever, já que na escola primeiro lemos para depois escrevermos.

Há uma junção entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra: lê-se um texto para escrever outro texto, no mesmo gênero ou sobre o mesmo tema; lê-se um texto para dele elaborar um esquema mnemônico; lê-se um texto para responder perguntas (sejam elas dos exercícios de sala de aula, sejam elas aquelas destinadas a avaliar a retenção de conhecimentos, nas famosas provas e antigas sabatinas); lê-se um texto, enfim, para cumprir uma ordem.” (GERALDI, 1996, p. 12)

Compreende-se assim que o ato de ler e escrever salienta a fórmula ler para escrever. Um trabalho de repetição constante, em que a leitura repete no texto o que já se sabe sobre ele e a escrita deve repetir o que já é tido, um trabalho que provem desde a infância.

Além dessa tecnologia apontada por Geraldi, é importante evidenciar que o discente deve produzir um trabalho de leitura e reescrita, sendo dois atos presentes no trabalho de produção textual.

Deve-se entender que a escrita tem como escopo a leitura, que tem como intuito a prática da fala. Destarte como foi dito previamente, o ato de ler possibilita uma compreensão melhor sobre os temas tratados, respaldando o aluno na hora da produção de texto. Dado que para escrever bem é preciso que se realizem leituras contínuas, para saber o que acontece no mundo, visto que a produção textual tem um cunho social, político, histórico, entre outros.



Desse modo, essa atividade irá enriquecer o conhecimento do aluno e seu vocabulário, proporcionando a ele uma maior aptidão na produção de texto.

Diante do exposto, Guedes (2009, p. 12) considera que

Ler só faz sentido se for para escrever e para reescrever, isto é, para assumir um ponto de vista a partir do qual organizar e reorganizar a compreensão do tema em questão e para construir e reconstruir o ponto de vista assumido.

Além do ato de ler para escrever, segundo Guedes (2009), durante sua formação de professor de redação ele fez duas descobertas: que os textos dos alunos precisam de outros leitores além do próprio professor, e que este deve iniciar seu trabalho a partir do texto escrito, sendo essa tarefa a orientação da reescrita. Assim pode-se considerar que a realização da (re)escrita do texto não pode ser desunido do ato de leitura crítica deste. Tornando-se necessária a reescrita nas atividades de produção de texto simultaneamente com a releitura, com a finalidade de que o discente possa ouvir suas produções e o ponto de vista dos outros discentes. Dessa maneira, desenvolvendo o que Guedes chama de “a escrita de uma leitura”, pode-se contribuir para que o aluno se torne um competente produtor de textos.

4. Organização Textual

Além do que foi dito anteriormente sobre os atos necessários para que se realize uma boa produção textual é necessário que se tenha compreensão das etapas para a organização do texto, o que Sefarini (1995) irá chamar de “método operativo”, posto que as redações sejam vistas como um objeto unitário, ou seja, a imitação de um modelo. No caso do método operativo, que tem uma metodologia contrária, irá definir alguns procedimentos, explicando as operações necessárias.

Introduz-se uma redação com a fase preparatória, primeiramente é realizado o trabalho de leitura selecionando as informações, logo após a organização do material e, por fim, a elaboração do roteiro. A fase em que ocorre o planejamento segue por si só, com as questões associadas à estrutura do parágrafo, conectivos e pontuação. Por fim, teremos a revisão que é composta pelo ato da releitura e reescrita, que visa melhorar o conteúdo, a estrutura e legibilidade do texto. Finalmente, após todo o trabalho realizado é necessário que o professor entre em ação com o trabalhado de correção, que poderá ser visto mais adiante.

Segundo Sefarini (1995), no sistema escolar é importante saber redigir, independente da instituição de ensino, e é comum os alunos serem avaliados com base no êxito das



redações. Porém apesar da sua importância a redação é considerada ainda um “objeto misterioso”, uma vez que não existe uma prática didática definida como certa e única a ser seguida no ensino de redação, sendo assim, é possível encontrar diversos livros didáticos com metodologias diferentes no ensino de redação. Para a autora, “não há uma tradição didática para o ensino de redação e, por isso, estudantes e professores se encontram da situação de enfrentar a questão sem nenhum trabalho preparatório” (p. 25)

Assim, surgem diversas dificuldades no ensino, pois o professor não possui uma base, o que acaba desencadeando a existência de vários modos de ensinar e corrigir uma redação, em que cada professor irá seguir critérios diferentes, pois nem nos livros didáticos é possível encontrar como deve ser avaliada uma redação. Recorrentemente, os livros contêm somente uma metodologia que é definida pelos autores do material, dificultando o aprendizado do aluno, por não ter um direcionamento mais sistematizado para produzir seu texto.

Essas dificuldades encontradas pelos professores em relação às redações ao que tudo indica são superadas pela experiência, pelos anos de práticas e pelo estudo continuado. Porém no que diz respeito à dificuldade do aluno ela pode perdurar por muito tempo, em razão de que cada redação é uma questão complexa, demandando, notadamente, métodos de ensino teoricamente embasados. Nesse sentido, é necessário um trabalho processual, que possa gradativamente levar o aluno ao um aperfeiçoamento e não que a cada novo tema ela se sinta incapaz e com novas dificuldades.

Para Serafini (1995), é importante o uso de “técnicas concretas de composição”, ou seja, o aluno precisa adquirir a capacidade básicas para escrever um texto. Essa capacidade só pode ser adquirida com muita prática, possibilitando ao aluno a obter essas habilidades gradativamente. Além dessa prática constante é primordial organizar as ideias, ter um roteiro, agregar cada ideia a um parágrafo, desenvolver suas ideias, rever e deixa claro o que quis dizer, pois conforme pontua Serafini (1995, p, 43), “A produção de um texto adequado resulta de um trabalho longo e difícil, que requer muito empenho”.

5. Avaliação/ Correção

Durante o processo de ensino-aprendizagem, a avaliação e o ensino se mesclam, não podendo ser avaliado o que não foi ensinado. Por conseguinte, no ensino de produção de texto, o professor não pode avaliar seus alunos utilizando critérios que ele não trabalhou durante as aulas. No entanto, essa relação de interdependência aparentemente foi rompida



deixando de ter essa mutualidade, gerando perdas no ensino, em que avaliação possui apenas um intuito de avaliação, de identificação de erros.

Em relação às atividades de produção de texto, que é o alvo deste estudo, fica claro que o método de avaliação atual não tem se distanciado das práticas tradicionais, por exemplo: destacar o erro, por ao lado o modo correto da palavra a. Conseqüentemente o aluno não é levado a pensar sobre, o porquê o uso é inadequado ou em outra forma de corrigir seu erro, o professor acaba passando para outras etapas sem discutir com os alunos suas dúvidas. O professor deve levar o aluno a desenvolver uma consciência sobre seu desenvolvimento, de acordo com as proposta de cada texto, para que ele possa enxergar seus erros e assim começar a ser um dos primeiros a corrigir o texto.

É de suma importância que o professor utilize dos resultados apresentados pelos alunos para se basear no próximo objeto de estudo, para que não fique ensinado o que eles já sabem e deixe de ensinar o que eles realmente precisam aprender. Também se faz necessário que o professor torne o momento de avaliação em um momento de reflexão, de busca de informações, isto é, reorientar o saber já adquirido, deixando a concepção de que professor é um “caçador” de erros.

Como foi dito anteriormente, o aprendizado na área da produção de texto é uma atividade que ocorre gradativamente, assim como a avaliação, deve acontecer dia a dia. “A avaliação, em função mesmo de sua finalidade, deve acontecer em cada dia do período letivo, pois a aprendizagem, também, está acontecendo todo dia” (ANTUNES, 2003, p. 26).

Um dos principais objetivos de trabalhar a avaliação como uma atividade de reflexão não se relaciona ao fato de que o professor deva aceitar qualquer coisa que o aluno escreva, ele deve estimular o seu aluno, respeitar suas ideias, promover o desenvolvimento gradual das habilidades de escrita. Deve-se ressaltar que o professor também deve ficar atento aos erros comuns presentes nas produções, podendo servir de guia para a decisão do que trabalhar nas próximas aulas.

De acordo com Antunes (2003), a avaliação que só visa a “caça aos erros” como modo de provar que objetivo não foi alcançado acaba frustrando o aluno, o que mais tarde pode criar um bloqueio na pratica social da escrita. E esse tipo de prática faz com que o professor se torne um mero procurador de erros, que acaba não avaliando ou lendo que seus alunos escrevem, mas sim “corrigindo”.



Uma formação de “correção” que pode ser considerada eficiente é a exposição de bons textos escritos e orais, desse modo, a leitura constante desses textos levaria o aluno a compreender que a produção de texto é um exercício natural, como diria Antunes “ativador da fluência e da adequação comunicativa” (p. 32) que o professor deve promover.

Apesar de acharem que devem deixar nas mãos do professor o poder de revisar, julgar, avaliar e reformular o texto do aluno, essa ideia está absolutamente equivocada, visto que é preciso desenvolver no aluno uma autonomia no que diz respeito ao seu texto.

Segundo Antunes (2003), a avaliação é uma questão de concepção e não de técnica, por esse motivo é conveniente o professor pensar, observar e descobrir a cada momento maneiras adequadas de ajudar o seu aluno a crescer na aquisição de sua competência comunicativa, encorajando-o, estimulando-o, deixando o aluno com vontade de aprender, fazendo com que ele sinta capaz.

Desse modo fica claro que o professor deve garantir ao aluno a chance de confrontar os desafios da leitura, escrita, escuta e fala, pois só dessa maneira ele alcançará a autonomia, confiança sobre seu poder escrever.

2. Apresentação dos livros analisados.

Os livros didáticos de Ensino Médio analisados, *Vozes do mundo* (1,2,3), são produzidos pela Editora Saraiva e foram escritos pelos autores Lília Santos Abreu Tardelli, Lucas Sanches Oda, Maria Tereza Arruda (coord.) e Salete Toledo, sendo todos avaliados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

Pode-se compreender o Programa como uma forma de financiamento governamental à educação, por meio da oferta de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Desse modo, o MEC adquire e distribui livros didáticos para alunos dos segmentos: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. Esses livros devem ser conservados e devolvidos para serem utilizados por outros alunos durante um período de três anos.

A Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM) fica responsável por avaliar e selecionar as obras inscritas no Programa Nacional do Didático (PNLD) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), juntamente com a elaboração do Guia dos Livros Didáticos, visando a auxiliar o professor na escolha dos livros didáticos. A compra e a distribuição dos



materiais didáticos e literários selecionados pelo Ministério da Educação, no âmbito da Secretaria de Educação Básica (SEB), são de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sendo também responsável pela logística do provimento e do remanejamento dos materiais didáticos para todas as escolas públicas do país cadastradas no censo escolar.

2.1. Análise dos livros

O primeiro livro analisado pertence à coleção Vozes do Mundo, nele encontram-se os conteúdos de literatura, língua e produção de texto, desses três conteúdos, foi analisada apenas a parte referente à produção de texto. Nesse primeiro livro, a organização dessa parte se divide em três unidades as quais se subdividem em alguns capítulos, como poderá ser observado logo a diante.

Nas páginas iniciais do livro, a unidade de produção de texto é apresentada de forma clara, sendo explicado cada detalhe do capítulo e como ele será utilizado. Primeiramente, ao iniciar o capítulo tem-se a “Abertura da Unidade”, apontando as questões que introduzem o trabalho dos gêneros de um determinado grupo, possibilitando um contato inicial com as características básicas do gênero a ser trabalhado. Em seguida, é explicada a “Abertura do Capítulo”, mostrando a metodologia aplicada no trabalho. A leitura é trabalhada sob os seguintes aspectos: o contexto de produção, os sentidos do texto e os elementos de composição. A seleção de gêneros procurou contemplar diferentes esferas (literária, jornalística, científica escolar, pública, publicitária). O próximo conteúdo explicado é o tópico “A construção do texto”, que subdivide em três etapas de leitura e caracterização do gênero: contexto de produção, os sentidos do texto e os elementos de composição. Esse trabalho visa formar uma referência sobre o gênero para o momento da produção textual. Em seguida, tem-se o tópico no “Compasso do texto”, que tende a ampliar os aspectos relativos tanto ao gênero estudado no capítulo como a capacidade de linguagem trabalhada na unidade. A próxima unidade apresentada, “Na trama do texto”, trabalha os aspectos textuais importantes na construção do gênero ou do texto estudado. E, por fim, têm-se duas unidades: a “Oficina de redação”, que contém as aplicações dos aspectos textuais analisados da seção “Na trama do texto”, servindo como preparo para a produção do gênero. A outra unidade e última é a “Produção de gênero”, que apresenta propostas para a produção textual com orientações para cada etapa: proposta de produção, planejamento, avaliação e reescrita. Essa apresentação inicial se estende aos livros 2 e 3.



Ao iniciar o capítulo de produção de texto do livro 1, tem-se a unidade intitulada como “Narrar”, que trabalha com os gêneros conto e crônica, na primeira página como já dito antes, é apresentado o tema, como serão trabalhados os gêneros ao longo da unidade, em seguida, iniciando o capítulo 1, que trabalhará o gênero conto, é introduzido por uma leitura sobre o gênero, em que se apresenta um conto e logo, em seguida, o trabalho de compreensão do gênero, sendo assim, analisado como ocorre a construção do texto, sendo dividido em contexto de produção que se refere ao tema do conto trabalhado no livro, questionando a situação e contexto social.

Adiante são analisados os sentidos do texto, levantando questões sobre o porquê de cada personagem agir de tal forma, por que foram feitas certas escolhas pelo narrador, assim, explorando cada aspecto da construção do conto. E, por fim, os elementos de composição, em que é explicada a construção do conto que se subdivide em situação inicial; conflito: fato que desequilibra a situação inicial; clímax: momento de maior tensão e desfecho: situação de equilíbrio, que pode ou não ser a mesma do início. Ao finalizar esse trabalho de construção de conhecimento sobre o gênero é feita uma revisão breve sobre coerência e coesão para que, em seguida, seja realizada a produção de um conto e como se planejar para escrever um, em que é preciso ter uma perspectiva, personagens, narrador, tempo espaço e enredo. Logo após essas observações é finalizado o capítulo 1.

sequência a unidade 1, o capítulo 2 aborda o gênero crônica, por meio da introdução do gênero, estruturando-se do mesmo modo que ao capítulo anterior, ocorrendo a leitura do gênero, em seguida, é apresentada uma crônica que será analisada e discutida. O capítulo 2 subdivide-se da mesma forma que o outro capítulo: contexto de produção, os sentidos do texto e os elementos de composição. Em seguida, é trabalhado o tópico no compasso do texto que revisa os aspectos importantes para a construção de uma crônica, no caso da crônica é feita uma revisão sobre os verbos de elocução e, em seguida, como planejar a estruturação de uma crônica.

A unidade 2 intitulada como “Relatar”, trabalha-se os gêneros notícia e reportagem. A metodologia aplicada nessa unidade segue o mesmo modelo a unidade anterior, sendo apontados de forma diferentes somente os aspectos de cada gênero, porém a forma como se dividem as análises e modo da construção do conhecimento segue o mesmo padrão. E esse padrão se estende na unidade 3, “Expor”, que trata sobre texto didático e comunicação oral. E também a unidade 4, “Argumentar”, que visa trabalhar entrevista e artigo de opinião.



A metodologia presente no livro 1 se estende aos demais livros 2 e 3, mudando somente os tipos de gêneros, no livro 2 é estudado na unidade 1, intitulada “Narrar”, o gênero texto dramático, contendo somente um capítulo, na unidade 2, “Relatar”, é trabalhado o gênero relato de viagem. A unidade 3, “Expor”, se divide em três capítulos, em que o primeiro trata sobre artigo de divulgação científica, o segundo sobre relatório, o terceiro trata sobre exposição oral. Na unidade 4, “Argumentar”, se subdividirá em três capítulos, editorial, debate e propaganda. No livro 3 é dada a continuidade aos outros gêneros não trabalhados nos livros anteriores, nesse livro, invés de terem 4 unidades, terão somente 3. A unidade 1 trata sobre contos fantásticos, a qual se intitula “Narrar”. Na unidade 2, “Expor”, é constituído por 2 capítulos, o primeiro sobre artigo de divulgação científica e o segundo sobre artigo enciclopédico. E por último, na unidade 3, será dividido em 5 capítulos, artigo de opinião, dissertação no vestibular, carta aberta, resenha crítica e debate deliberativo.

A coleção Vozes do Mundo se propõe a estudar a língua em uso, conectando-a com o social, relacionando com o cotidiano dos jovens discentes. Os alunos são constantemente incentivados a analisar e investigar os vários tipos de discursos sociais, compreendendo que eles produzem cultura e conhecimento que podem transformar a sociedade. A coleção se propõe a trabalhar a reflexão sobre a língua que embasa a abordagem discursiva, com uma visão interdisciplinar, possibilitando que os temas sejam trabalhados por professores de outras disciplinas, com uma proposta motivadora, utilizando metodologias diversas, como o uso de meios eletrônicos, entrevistas, pesquisas e o contato com a sociedade, trabalhando direto com a realidade.

3. A produção textual: ler para escrever

A partir das análises dos livros pode-se compreender que o trabalho de produção textual e letramento são a conjunção da leitura e escrita com uma significação na vida social. Porém no contexto social as duas práticas nem sempre estão conectadas, visto que nem todos que lêem conseguem reproduzir algo escrito e os que escrevem conseguem ter um bom desempenho oral. Nesse sentido, o trabalho visa mostrar que para se ampliar as habilidades de escrita, é necessário trabalhar em uma perspectiva do letramento, buscando significar as práticas de escrita, em contextos reais de produção de texto, observando os objetivos comunicativos, o conteúdo temático, os estilos de linguagem, a estrutura composicional dos textos e, sobretudo, a natureza da interação.



6. Conclusão

A partir do trabalho realizado, observou-se que o tratamento dado à produção de textos nos livros didáticos varia de acordo com cada editora, uma vez que no ensino de produção de texto não há uma única forma a ser seguida. Esse trabalho é fortemente influenciado pelos materiais didáticos e pelas concepções dos professores. Assim, um livro didático de qualidade poderá contribuir para que o ensino da produção textual seja dimensionado em uma perspectiva discursiva, em que as condições de produção seja observadas e significadas pelos alunos.

Os livros didáticos assumem assim um papel norteador no ensino, mas infelizmente não pode ser dito que todos possuem uma metodologia adequada aos pressupostos teóricos de cunho interacionista, que permitem que o aluno reflita sobre o processo de aquisição da linguagem e se sinta efetivamente autor de seus textos.

Em razão de a produção de texto ainda ser considerada um “objeto misterioso”, isto é, cabe a cada professor buscar meios eficazes de trabalhar com seu aluno, visando a compreender esse trabalho como um todo, um trabalho de leitura, escrita, pesquisa, planejamento, possibilitando uma autonomia e não meros repetidores de fórmulas e regras de bem escrever.

THE TREATMENT GIVEN TO THE PRODUCTION OF TEXTS BY PORTUGUESE LANGUAGE DIDACTIC BOOKS INTENDED FOR MIDDLE SCHOOL STUDENTS

Abstract: The present work sought to analyze the proposals for the production of written texts available in Portuguese language high school textbooks. In order to carry out the analysis, a theoretical research was carried out, based on Antunes (2003), Geraldi (1996), Guedes (2014), Ruiz (2010), Serafini (1995) and Castaldo (2009) Of text production in the classroom. With the work it was possible to verify that the production of texts in schools has been an object of much reflection, emphasizing that there is still a lack of respect to the revision / rewriting procedures.

Key words: Text production; Didactic books; Production Stages; Review; Correction.



Referencias

GUEDES, Paulo Coimbra. *Da Redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola editora, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *Ler e Escrever- uma mera exigência escolar?*. São Paulo: Unicamp.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. São Paulo: Globo, 1995.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola*. São Paulo: Contexto editora, 2010.

